

Artigo de Atualização/Divulgação

Formação acadêmica e intervenção profissional de Educação Física no âmbito lazer

Evandro Antonio Corrêa

Faculdade Anhanguera Educacional de Bauru, SP

Resumo: Este estudo tem como proposta analisar quais elementos que permitem apontar como se dá a formação e intervenção do profissional de Educação Física no âmbito do lazer. Assim, o objetivo é apresentar algumas considerações acerca da formação e a intervenção do profissional de Educação Física no contexto do lazer. Perpassando por algumas das funções, formação, características e campo de intervenção do profissional. Como justificativa considerou-se que muitos profissionais são atraídos pelas possibilidades lucrativas, ignorando-se em alguns momentos a relevância do lazer na busca de qualidade na vida dos indivíduos e de alternativas para o enfrentamento dos limites sócio-culturais e históricos. Trata-se de um estudo qualitativo, utilizou-se como técnica pesquisa bibliográfica e fonte documental. Buscou-se fomentar o debate acerca do profissional de Educação Física no contexto do lazer, superando as barreiras entre teoria e prática, trabalhando em equipes multidisciplinares, procurando romper com paradigmas alienantes e atender as demandas da sociedade.

Palavras-chave: Formação. Intervenção. Educação Física. Lazer.

Training and the professional intervention of Physical Education as part of leisure

Abstract: This study has which proposed to analyze elements for pointing as if to give training and the professional intervention of Physical Education as part of leisure. The objective is to present some considerations about the training and professional intervention of Physical Education in the context of leisure. Exists in some of the functions, training, characteristics and scope of the professional intervention. As reasons it was felt that many professionals are lured by lucrative opportunities, was ignoring the important moments of leisure in the search for quality in the lives of individuals and of alternatives to confront the limits socio-cultural and historical. This is a qualitative research, was used as technical literature search and source documents. The aim was to stimulate debate about the training of Physical Education in the context of leisure, overcoming the barriers between theory and practice, working in multidisciplinary teams, trying to break paradigms and alienating meet the demands of society.

Key Words: Training. Intervention. Physical Education. Leisure.

Introdução

A Educação Física com o passar dos anos vêm ganhando destaque na sociedade, necessitando de profissionais para atuar no mercado e nos campos de estudos e pesquisas para que possam assim desenvolver iniciativas de melhoria das condições de vida da sociedade.

Para atuar o profissional deve ter em mente a busca constante de uma formação ampla e específica e acompanhar as transformações acadêmico-científicas-profissionais da área, ou seja, a formação do profissional em Educação Física deve assegurar a indissociabilidade teoria-prática.

O profissional de Educação Física – entre outras funções – deverá estar qualificado para: pesquisar, conhecer, dominar, compreender, analisar de forma crítica e criativa, produzir e avaliar a realidade social e os efeitos da aplicação de diferentes técnicas, instrumentos, equipamentos, procedimentos e metodologias para a produção, atuação e a intervenção

acadêmico-profissional da área, utilizando-se de recursos da tecnologia, da informação e da comunicação para melhor desempenho e na busca de resultados ([BRASIL](#), 2004).

De acordo com a Resolução 07/04 no Art. 3º A Educação Física é entendida como

[...] uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança, nas perspectivas da prevenção de problemas de agravo da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e da reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas ([BRASIL](#), 2004, p.01, grifo nosso)

Entre as estas atividades de intervenção profissional destaca-se o lazer e as atividades

recreativas, mas vale dizer que as atividades como modalidades do exercício físico, ginástica, jogo, esporte, dança, entre outras podem ser desenvolvidas sob a perspectiva do lazer, destacando seus conteúdos culturais: interesse físico/esportivo, artístico, social, intelectual ([DUMAZEDIER](#), 1980), virtual ([SHWARTZ](#), 2003), espiritual ([CORRÊA](#), 2006).

Diante das diversas possibilidades de intervenção do profissional de Educação Física torna-se necessário uma formação consistente, com disciplinas que ofereçam conhecimentos para que este profissional atue de forma coerente com as necessidades do lócus onde está inserido.

Atualmente, encontra-se um vasto campo do lazer a ser explorado por profissionais de diversas áreas (Educação Física, Turismo, Hotelaria, Pedagogia, Engenharia Civil etc.). Neste estudo não se pretende analisar a sua complexidade, mas entendê-lo não “sob uma ótica disciplinar, mas sim como multidisciplinar”, onde vários campos têm a contribuir para a compreensão e atuação no lazer, com uma equipe multidisciplinar atuando em conjunto. Assim, com uma proposta interdisciplinar teria possivelmente melhores condições de realizar um trabalho efetivo. No entanto, não queremos aqui prescindir o especialista, mas prepará-lo de uma forma diferente e ciente dos riscos de sua atuação ([MELO](#); [FONSECA](#), 1997, p.653).

Nesse sentido, os cursos de formação em Educação Física tem sua parcela de responsabilidade e devem “assegurar uma formação generalista, humanista e crítica, qualificadora da intervenção acadêmico-profissional, fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética” ([BRASIL](#), 2004, p.1). Portanto, a formação e a intervenção do profissional de Educação Física e sua interlocução com o lazer torna-se uma questão complexa, ponderando-se que se entra no rol de atividades específicas que não apresentam uma configuração territorial nítida ou de limites claros.

Mediante esta possível complexidade, este estudo apresenta como problemática a seguinte questão: quais seriam os elementos que permitem apontar como se dá a formação e intervenção do profissional de Educação Física no âmbito do lazer? Como objetivo geral procurou apresentar algumas considerações acerca da formação e intervenção do profissional de Educação Física no contexto do lazer.

No que se refere a justifica, por um lado levou-se em consideração que, muitos profissionais são atraídos pelas possibilidades lucrativas que essa

área pode proporcionar e que, também, não se pode “negar que a demanda pela formação profissional no lazer sofre influências dessa situação”. Por outro lado, “muitas das vezes é ignorada a importância do lazer enquanto um passo fundamental para a busca de qualidade na vida dos sujeitos e de alternativas para o enfrentamento dos limites sócio-culturais históricos de nossa realidade” ([WERNECK](#), 1998, p. 52).

Métodos

Como procedimentos metodológicos no âmbito do processo arrolado esta pesquisa procurou responder à questão levantada e ao objetivo proposto. Porém, [Lüdke](#) e André (1986, p. 01) alertam que “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”.

De acordo com [Schwandt](#) (2006) o saber não é passivo, e sim ativo, onde a mente capta as impressões, formando em abstrações ou conceitos e traz para discussão o chamado construcionismo social. Dessa forma o autor descreve que “inventamos conceitos, modelos e esquemas para entender uma experiência, e testamos e modificamos continuamente essas construções a luz de uma nova experiência” (p. 201). Entretanto, para que haja esta construção deve-se levar em consideração a dimensão histórica e sociocultural, pois não se constrói as interpretações isoladamente, “mas contra um pano de fundo de compreensões, de práticas, de linguagem, etc., que temos em comum” (p. 201).

Sob a ótica do construcionismo social esta pesquisa é de ordem qualitativa, e segundo [Camargo](#) (1997), normalmente as posições qualitativas estão baseadas em duas linhas de pesquisa:

- a) os enfoques subjetivistas-compreensivistas (Weber, Dilthey, Jaspers, Heidegger, Husserl, Sartre, etc) que privilegiam os aspectos conscienciais, subjetivo dos atores como, percepção, compreensão do contexto cultural, relevância do fenômeno para o sujeito, etc e
- b) os enfoques crítico-participativos com visão histórico-estrutural (Marx, Engels, Gramsci, Adorno, Horkheimer, Marcuse, Fromm, Habermas, etc) que partem da necessidade de conhecer a realidade para transformá-la, ou seja, da dialética da realidade social. (p.172-173).

Contribuindo, ainda, para este debate [Schwandt](#) (2006, p.205) relata que a investigação qualitativa “baseia-se em uma profunda

preocupação com a compreensão do que os outros seres humanos estão fazendo ou dizendo”. Portanto, a prática da pesquisa social (incluindo a investigação qualitativa, porém não se limitando a esta) “não está imune aos efeitos das forças centrais da cultura da modernidade – tecnologização, institucionalização, burocratização e profissionalização” ([SCHWANDT](#), 2006, p.207).

Sendo assim, escolheu-se para o desenvolvimento deste estudo, como técnica: a pesquisa bibliográfica e a fonte documental. A pesquisa bibliográfica compreendeu a leitura e análise das fontes secundárias de informação (livros, periódicos etc.), com o intuito de analisar a literatura referente aos temas envolvidos no trabalho, buscando observar as pesquisas existentes sobre o assunto. Já a pesquisa documental compreendeu a leitura e análise das fontes primárias de investigação (documentos oficiais), que no caso da presente pesquisa refere-se a alguns normativos que regulamentam a Educação Física. Assim, a análise e discussão dos dados deste estudo perpassaram por algumas considerações como: formação, o papel da universidade, características e campo de intervenção profissional.

Portanto, percebeu-se a necessidade de buscar conhecimentos acerca desta temática. Uma vez que na formação e atuação do profissional de Educação Física no âmbito do lazer e o desenvolvimento das mais diversas atividades, exige informações e conteúdos que forneçam subsídios para uma prática orientada por uma proposta de “reflexão/ação/reflexão”.

Nesse sentido, de acordo com [Isayama](#) (2002, p.06) “a Educação Física vem prestando expressiva contribuição ao incremento da produção científica, pedagógica e cultural específica sobre o lazer no Brasil, especialmente no ensino superior”. Enfim, entre as diversas iniciativas, encontra-se em muitas IES (Instituições de Ensino Superior) a inserção de questões acerca do lazer, em disciplinas específicas, na grade curricular dos cursos de Educação Física. Segundo o autor, o mesmo ocorre em cursos de pós-graduação em nível *lattu* e *stricto sensu*, em eventos científicos, publicação em periódicos, entre outras.

Resultados e Discussão

A formação do profissional de Educação Física sob a ótica do lazer

Quais seriam as alternativas para a formação desse profissional?

O desafio seria formar profissionais que de um lado possam dar conta das novas demandas de mercado. Por outro lado, fornecer uma base e domínio de um determinado campo de conhecimento, procurar formar o profissional de Educação Física para atender às expectativas da sociedade, num contexto de melhoria da qualidade na vida e de alternativas para o desenvolvimento de indivíduos críticos e criativos mediante aos possíveis limites sociais-culturais-econômicos presentes atualmente. Como também reverter o quadro mercadológico, quando estas se apresentam restritas à perspectiva do lucro fácil, com venda de efêmeros ‘pacotes de prazer’, destinados a divertir, no sentido de ‘desviar a atenção’, por algum tempo – um feriado, uma noite especial, um domingo de sol -, da realidade absurda com a qual convivemos no cotidiano ([MARCELLINO](#), 1995, p. 10).

Dessa forma, busca-se a formação de um “novo” especialista, ou seja, um profissional que atua em grupos, procurando um intercâmbio entre várias áreas de conhecimento, num trabalho interdisciplinar. [Marcellino](#), (1995, p. 20) alerta que a perspectiva interdisciplinar exige mais do que a soma de conhecimentos, e o que se busca é a superação dos limites de cada disciplina. Esta possibilidade do trabalho interdisciplinar

[...] pode ser caracterizado como o nível em que a colaboração entre em diversas disciplinas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência conduz a interações propriamente ditas, isto é, a uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida ([JAPIASSU](#), 1976, p. 75).

Dessa forma o profissional pode assumir a “especialidade concreta” do lazer que vem exigir “um novo especialista, não o ‘especialista tradicional’ – superficial e unidimensional – mas o que domine a sua especificidade dentro de uma visão de totalidade”. Nessa visão são exigidos dois requisitos: “uma sólida cultura geral – que permita perceber os pontos de interação entre a problemática do lazer e as demais dimensões da ação humana e a contribuição de outras áreas de ação/investigação – e o exercício constante da reflexão” ([MARCELLINO](#), 1995, p. 20-21).

Entre os requisitos mencionados anteriormente, outros fatores como o financeiro e a possibilidade de ascensão social, se destacam e vêm influenciar. Cabe, ainda, destacar que, muitas vezes, na formação profissional, a maioria das oportunidades de capacitação na área do lazer são comercializáveis, reforçando ainda mais a visão alienada do lazer, sendo mais um produto de consumo.

Para [Werneck](#) (1998, p. 52)

[...] os cursos e oficinas de treinamento, atualização e reciclagem no lazer, amplamente divulgados e oferecidos esporadicamente por diferentes instituições em nosso país, geralmente, abrangem apenas aspectos técnico-metodológicos dessa área, enfatizando o consumo acrítico de atividades recreativas. Muitos desses cursos são ministrados por Professores de Educação Física e, apesar do lazer ser uma área interdisciplinar que possibilita o envolvimento de profissionais com diferentes competências e visões de mundo, freqüentemente os tópicos desenvolvidos se resumem a vivência dos jogos e brincadeiras tradicionais de recreação e lazer.

Segundo [Delgado](#) e Correa (2004) ao analisarem cinquenta cursos e workshops com a temática lazer, verificou-se a existência do domínio da Educação Física, pois num total de setenta e dois professores (100%), identificaram que cinquenta e três docentes ((73%) que ministravam estes cursos eram formados em Educação Física e dezenove (27%) das demais áreas (turismo, pedagogia etc). Além desta constatação, historicamente no Brasil, as atividades físicos/recreativas e o lazer ganharam destaque durante vários anos como um campo dominado em sua maioria pela Educação Física.

[Werneck](#) (1998, p. 53) destaca que apesar de não se limitar ao aspecto físico-esportivo, a Educação Física vem contribuindo não somente no que se diz respeito à formação (nos níveis de graduação e de pós-graduação) de profissionais para atuarem no lazer, mas também à preocupação destes profissionais em realizar estudos, “promover cursos e eventos que possam gerar um avanço no entendimento desse fenômeno em nosso meio, enquanto uma área de intervenção interdisciplinar que possibilita a formação profissional em várias perspectivas”.

Dentre esses e outros apontamentos e mediante as configurações estabelecidas no processo de formação do profissional de Educação Física, deve-se atentar para as armadilhas da área, ou seja, a formação de meros fatores de atividades, formando “robôs”, entendidos como meros executores de atividades. Portanto, a relação entre a teoria e a prática é um dos pontos centrais no processo de formação dos profissionais que atuam no lazer. O confronto entre a teoria e prática propicia a reflexão e a busca por soluções aos problemas surgidos.

Entretanto, nas Instituições de Ensino Superior, os cursos de formação profissional em Educação Física, muitas das vezes, têm a carga horária reduzida e a disciplina de lazer não tem tempo (horas) suficiente para compreensão

necessária e debate dessa temática. No ensejo desse estudo, cabe, também, analisar a importância da Universidade dentro do processo de formação e a sua contribuição preparação desse profissional.

O papel da universidade na formação do profissional de Educação Física

[Werneck](#) (1997, p. 192) pontua que “seria ingênuo pensar que a universidade – instituição sócio-cultural... – detém a capacidade e o poder de ‘formar’ o sujeito, pois ele não representa uma página em branco a ser preenchida pelos ditames acadêmicos” uma vez “que o processo de formação não começa nem termina na universidade”.

Então o que seria a universidade na formação do profissional?

Para [Werneck](#) (1997, p. 192) “a universidade representa (ou deveria representar) um local de encontro, de reflexão e aprendizagem da vida social, lugar de preparação teórico-prática para enfrentar os conflitos e as contradições de nosso cotidiano”. E, ainda, como um “espaço plural que anseia pela elaboração coletiva de estratégias de ação coerentes com a realidade e evita o isolamento cultural, sobretudo pela busca da interação entre os diversos componentes da complexidade sócio-cultural que a constitui”.

A universidade tem um compromisso com o avançar do processo de construção do conhecimento, entretanto não é a única responsável por esta formação. Sendo assim, torna-se necessário que as Instituições de Ensino Superior (IES) abram as suas portas bem como “outras instituições sócio-culturais públicas, privadas, ou de economia mista”, com o intuito de “impulsionar projetos e ações interdisciplinares relacionados ao ensino, a pesquisa e a extensão universitária” (pós-graduação, mestrado, doutorado), “explorando trocas de saber na vivência da diversidade cultural em suas múltiplas nuances” ([WERNECK](#), 1997, p. 192-193).

Portanto, formar é fecundar novas idéias e pensamentos, criar dúvidas que nos retirem de posições acomodação, mobilizando o outro de alguma maneira. Uma forma de

[...] nos colocarmos avessos as certezas cristalizadas, com curiosidade e desejo de saber, permitindo o aflorar do desejo do outro, para juntos construirmos o conhecimento. Com isso, mais do que difundir respostas e soluções, a formação no lazer aqui almejada busca preparar o profissional (muitas vezes já imerso no mercado de trabalho) para interrogar sobre o significado de sua ação e resolver problemas coletivamente, refletindo, assim, sobre a diversidade de práticas cotidianamente

construídas e sobre as contradições que as influenciam (WERNECK, 1998, p. 58).

Nesse itinerário faz-se necessário que se formem profissionais capazes de questionar a realidade, com uma visão crítica, criativa e significativa, para que estes profissionais possam estar à frente de um trabalho interdisciplinar e, “tenham a capacidade de transformação, de serem atores sociais com sensibilidade de perceber os limites de cada um e de uma sociedade, de uma cultura, poder enxergar os horizontes, lidar com as incertezas e os conflitos e correr riscos” (CORREA, 2004).

Esta “formação crítica e criativa no lazer assume, assim, uma certa responsabilidade nas práticas pedagógicas construídas coletivamente”. Portanto, não basta “formar os profissionais para mudar a realidade, mas a formação parece ser, um meio privilegiado de ação” (WERNECK, 1998, p. 59).

Neste contexto Marcellino (2000, p. 131-132) afirma que “é preciso que nossas Faculdades que mais se encontram na ‘ponta’, na pesquisa dos estudos do lazer, dêem atenção” a vários itens, entre eles:

- Dêem a atenção devida aos cursos de graduação;
- Atuem com projetos de extensão, não extensionista (SAVIANI, 1995), funcionando como verdadeiros laboratórios de pesquisa quase experimental (BRUYNE, NERMAN, SCHUTHEETE, 1997);
- Promovam o intercâmbio com empresas e poder público, procurando saber suas expectativas de profissional, trabalhando a partir, mas não ficando restritas a elas, e mostrando como vem se organizando a formação profissional;
- Não forneçam como se diz no jargão, “receitas” de atividades, mas propiciem a formação de um repertório de atividades, vivenciadas e refletidas que possa servir de base para o início das atividades profissionais, com constante aprimoramento [...];
- Equilibrem na formação dos profissionais dos profissionais, pelo menos quatro eixos, complementares: Teoria do lazer, relatos de experiência refletidas de profissionais, Vivências dos conteúdos culturais, e Políticas e diretrizes gerais no campo [...].

Entre esses e vários outros itens descritos, pode-se dizer que a formação do profissional no âmbito do lazer depende de diversos fatores, ou seja, um conjunto de informações que são adquiridas durante a vida desse profissional.

Dessa forma, a formação profissional deve atentar em unir a teoria e a prática, sob a

perspectiva de preparar melhor seus profissionais. Entende-se que as Instituições de Ensino Superior não são as únicas responsáveis pela formação profissional, mas talvez seja uma das mais importantes nesse processo, fornecendo subsídios (conhecimentos) mínimos para a intervenção no campo, a iniciação científica, pesquisas, projetos, planejamento acerca do lazer. Portanto, “o profissional do lazer deve estar atento a tudo o que acontece a sua volta para que no seu trabalho (...), não se torne apenas (...) um ‘robô’” (CORRÊA, 2004). Deve, ainda, conhecer a realidade e as necessidades da sociedade em que está inserido, bem como compreender as fases e o desenrolar histórico do lazer.

Breve histórico a relatar

O profissional é a “alma” do lazer, é quem se relaciona diretamente com as pessoas, conhece seus anseios, suas necessidades, podendo pensar, programar, realizar, administrar e animar as atividades de lazer para elas (CORRÊA, 2003).

Teoricamente, nasce um “novo” profissional. Talvez não tão novo assim, ao que tudo indica este profissional que atua no lazer ainda não é bem definido, não é valorizado, e vem passando por transformações e se desenvolvendo.

Pina (1995, p.119-121) menciona que “em entrevista para a revista mensal *Treinamento e Desenvolvimento*, o psicanalista Paulo Gaudêncio” observou que há mais de 30 anos definiu, “em bom português, como frescura” uma pós-graduação em lazer nos Estados Unidos da América (EUA), mas veio entender isso somente mais tarde, pois os americanos já preconizavam a formação no âmbito do lazer há 20 – 30 anos atrás.

Podemos mencionar que a profissionalização do lazer é ainda mais antiga. Nos EUA, por exemplo, Pronovost (1983) observa que no plano institucional, o movimento de profissionalização da mão de obra do lazer começou em 1906, com a então Playgrund Association of America, chamada em 1910 Playground and Recreation Association. No ano de 1907, começou a publicar o periódico mensal “The Playground”, e posteriormente intitulado “Recreation”. Neste mesmo ano realizou-se o primeiro “Play Congress”, na cidade de Chicago – (EUA). Já em 1930 a associação recebeu o nome “National Recreation Association”. (p.78)

Pronovost (1983) afirma que desde o final do século XIX as primeiras cidades americanas se dotaram de parques urbanos e de áreas de jogos. O autor (p.108) traz em seus estudos a

contribuição de Lundberg, mencionando “que por volta de 1915, oito cidades já haviam criado seu próprio serviço de parques e de recreação, e o autor contemporâneo cita para o mesmo ano a quantidade de 83 cidades empregando líderes de recreação”. Outro dado interessante data de 1966, apontando que cerca de 60% das 3142 cidades e condados recenseados dos EUA tinham empregados permanentes no campo da recreação e dos parques. Na década de 1970 a proporção passa a ser 72%, sobre 3229 cidades e condados.

Na Inglaterra, observa-se que já existiam em 1868 mais de 260 clubes operários, “com bibliotecas, salas de leitura, sala de reuniões e, às vezes, um ginásio para ginástica. Na virada do século, atingiam em total de um mil, aproximadamente, e nos anos de 1930 mais de 2500”. A YMCA (Young Men Cristian Association) ou como conhecida no Brasil ACM (Associação Cristã de Moços) teve seu primeiro clube fundado em Londres, em 1844 ([PRONOVOST](#), 1983, p.35).

Sobre estes indícios históricos [Guerra](#) (1988) pontua que o movimento da recreação sistematizada iniciou-se na Alemanha em 1774 com a criação do *Philantropinum*, por Basedow, professor das escolas nobres da Dinamarca. Nestas escolas as atividades intelectuais eram desenvolvidas lado a lado às atividades físicas. No *Philantropinum* havia cinco horas de matérias teóricas, duas horas de trabalhos manuais, e três de recreação.

De acordo com as análises efetuadas verificou-se que, a intervenção no lazer é de longa data. No Brasil não se tem nada registrado, especificamente, sobre esse pioneirismo, mas com a universalização do direito do trabalhador aos repousos diários, semanais e anuais, ampliou-se a preocupação em torno da racional organização das horas de lazer.

[Werneck](#) e Santos [ca. 2003] apresentam que “nas primeiras décadas do século XX foram engendradas, em vários países, estratégias de controle social das massas trabalhadoras - dissimuladas na idéia de diversão “sadia e educativa” -, visando a ocupação do tempo livre conquistado”. Em diversas cidades brasileiras (Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo), o poder público municipal desenvolveu o chamados “programas de recreação”, cujo objetivo, estava em consonância com o pensamento eugênico-higienista e na pedagogia escolanovista, sendo destinados, até a década de 1930, apenas a crianças e jovens ([Werneck](#); SANTOS, [ca. 2003]).

Neste breve percurso histórico, “a partir de 1940 são articulados programas de recreação para os trabalhadores adultos e suas famílias, destacando-se o “Serviço de Recreação Operária” do Ministério do Trabalho” ([WERNECK](#); SANTOS, [ca. 2003]).

A partir da década de 1950, instituições como o Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço Social da Indústria (SESI), bem como a criação e a instalação de clubes privados por vários municípios do país, se dedicaram a questão do desenvolvimento do lazer ([PINA](#), 1995).

Segundo [Marcellino](#) (1987, p. 30), os principais autores entre os pioneiros e abrangência da produção teórica do lazer encontram-se Ethel Bauzer Medeiros, *O lazer no planejamento urbano* (1971) e *Educação para o lazer* (1980); Renato Requiça, *Conceito de lazer* (1972), *O lazer no mundo moderno* (1974), *Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer* (1980).

No entanto, de acordo com vários autores ([SOUZA](#); [ISAYAMA](#), 2004; [MARCELLINO](#), 1996; [GOMES](#), 2004) o trabalho de Acácio Ferreira (1959), intitulado *O lazer operário*, é considerado um marco no âmbito do pioneirismo sobre a temática.

Entretanto, a partir da década de 1970 o Brasil passou a desenvolver estudos mais sistematizados sobre o lazer – ligados especialmente ao trabalho do sociólogo francês Joffre Dumazedier –, sendo difundido nos meios acadêmicos no decorrer das décadas seguintes, em currículos de cursos de formação profissional (Educação Física, Turismo, Pedagogia etc.).

No ano de 1969 com a Resolução n.69, o termo recreação passou a compor o rol de disciplinas dos cursos de graduação em Educação Física. Isso até a década de 80, quando da aprovação da Resolução n.03/87, a Educação Física tornou-se à primeira área cuja legislação passou a prever, além da formação básica, um aprofundamento na graduação, possibilitando, assim, trocas com o mercado de trabalho, o respeito as peculiaridades regionais, além, dos perfis profissionais desejados. [Isayama](#) (2002, p. 8) relata que essa resolução determinou que uma área de conhecimento deve ser composta por disciplinas ministradas por Institutos Superiores de Educação, sendo desenvolvidas com caráter teórico-prático. Dessa forma, com “a incorporação das idéias presentes na Resolução n.03/87 e com os avanços apresentados pelos estudos do lazer no Brasil, esse campo passou a ampliar o espaço ocupado

no interior dos currículos de formação profissional em Educação Física”.

Verifica-se, assim, que o lazer se insere institucionalmente nos cursos de Educação Física a partir da década de 80, ampliando-se nos anos seguintes no seio das IES. Estabelecendo relações com diversas dimensões da vida cultural (o trabalho, a economia, a educação etc.), e possivelmente constituídas, também, numa perspectiva transdisciplinar, corroborando para o desenvolvimento profissional no lazer, tanto na formação como na sua intervenção.

O “profissional” do Lazer

Com a globalização, a terceirização de serviços está cada vez mais presente na sociedade. Neste sentido [Werneck](#) (1998, p. 49) pontua que “devido às estratégias do marketing de mercado, são criadas necessidades de consumo e impostos novos padrões de vida, os quais atingem profundamente as dimensões do trabalho e do lazer em nossa sociedade”.

Existe uma demanda crescente no que se refere a prestação de serviços no lazer, o que leva a um aumento no número de ofertas para profissionais que desejam atuar na área. De um lado encontra-se a expansão e a conquista para a atuação de “bons” profissionais, do outro, pode tornar-se um risco, se o trabalho for desenvolvido em uma abordagem mercantilizada, priorizando a ação em uma perspectiva abstrata e tradicional ([ISAYAMA](#), 2002, p. 06-07).

Para os profissionais formados em Educação Física, a atuação no lazer, exige conhecimentos específicos ou a eles relacionados, como: atividades físicas, esportes, lúdico, prazer, as emoções e sensações, entre outras. Esse aspecto pode ser visualizado, dentre várias possibilidades, “no seu trabalho com o esporte escolar, com a ginástica, com os jogos e com outros conteúdos culturais que propiciam vivências lúdicas, prazerosas e significativas para os sujeitos envolvidos” ([ISAYAMA](#), 2002, p. 07).

Dessa forma, como descrever um “profissional” com diversas possibilidades de intervenção, com objetivos muitas vezes diferentes? O que dizer de um campo profissional ainda em formação? Pode-se chamar este agente de profissional no seu sentido *stricto*? Uma vez que, o lazer, não constituiu uma categoria profissional que esteja consolidada no mercado de trabalho e no sistema social, ou seria ainda uma ocupação? Talvez, pelas peculiaridades de sua intervenção, não se pode caracterizar como tal, de forma rígida ou institucionalizada? Estas algumas entre muitas das perguntas que se encontram em debate.

Porém, [Garcia](#) (1995, p. 23) descreve um novo profissional

[...] comunicativo, versátil e de muita imaginação, ele trabalha quando todos descansam e tem a pretensão de vender a cada um de nós uma pequena parte do paraíso. Ou, ao menos, uma certa ilusão de felicidade que, como se sabe, nunca esta onde nós estamos. Esse profissional, diz que veio pra colocá-la no devido lugar.

O “profissional” que atua no lazer, ainda, apresenta as seguintes características: ter formação ampla e específica, informação, comportamento e atitude, atualização, imaginação, criatividade, cooperativismo, dedicação, comunicação, auto-formação permanente, bom senso e talvez a principal delas amar o que faz, não importando como o chamem ou onde trabalhe.

No sentido de identificar algumas características, vale mencionar, também, os diversos nomes dados a este “profissional” como, por exemplo: animador, animador cultural, recreador, monitor, GO (gentil organizador), militante cultural, entre outros, dos quais “sugerem moças e rapazes simpáticos, aplicados e atenciosos, sempre prontos para fazer alguma ‘animação’ [...] organizar uma festa ou um show [...] orientando-nos e instruindo-nos, sempre solícitos, sobre o que fazer com o nosso tempo livre”. E também conhecidos como “profissionais do lazer, o que ajuda a reforçar esta primeira impressão – uma caricatura, evidentemente – de excessiva jovialidade e de inesgotável otimismo” ([GARCIA](#), 1995, p. 24).

[Corrêa](#) (2003) relata que não é somente essa caricatura de jovialidade e inesgotável otimismo, pois esses profissionais têm outros perfis, exerce funções burocráticas, de gerenciamento, de marketing, organizando e coordenando projetos e eventos, está envolvido em planejamento dos equipamentos e espaços de lazer.

[Garcia](#) (1995, p. 33) em seu texto destaca o “profissional” como “militante cultural”, uma definição ainda que provisória coloca-o como

[...] todo aquele que realiza ações no plano da cultura, no tempo livre dos indivíduos, seja para estimulá-los à produção de bens culturais, seja para ampliar a sua participação na apropriação desses bens, tendo como motivação básica tanto o prazer de dedicar-se a algo com se identifica fortemente, quando valores pessoais que conferem à cultura papel importante para o desenvolvimento das pessoas, dos grupos, das comunidades e da sociedade em geral.

O militante cultural não é apenas um espectador, ele “age, faz, participa, realiza”, ressaltando, “contudo, que é mais tênue o sentido da transformação que estaria pretendendo. Mais

correto seria afirmar que ele se ocupa mais em ampliar, diversificar, incorporar que propriamente em transformar". A sua ação, "não é romper, transgredir, alterar drasticamente certa ordem dada de coisas, mas torná-la mais flexível, dócil e complacente", estaria assim "mais voltada à democratização cultural que a uma efetiva transformação" (GARCIA, 1995, p. 34).

Outro ponto a ser considerado acerca do "profissional" que atua no lazer, é que em muitos momentos, este confunde sua vida privada com a profissional, pois em várias situações o seu companheiro de trabalho é o seu amigo, sua namorada, sua esposa. Neste sentido Isayama e Stoppa (1997, p. 663) assinalam que "ele não consegue evitar que ambos se misturem, devido ao fato de estar vivendo dentro de um mesmo ambiente cultural".

Essa distinção entre o lazer e trabalho do "profissional" não é bem definida nas áreas de intervenção. Neste sentido, Bramante (1993) pontua que o profissional em muitos momentos confunde o seu próprio trabalho com as experiências de liberdade, produção e desenvolvimento que caracterizam o lazer. Deste modo que às pessoas vêm este campo de atuação como "fácil" e gostoso de ser realizado em comparação a outros trabalhos.

Este trabalho considerado "fácil" leva muitas pessoas a aturem nesta área, por considerarem ter uma "vida boa", a possibilidade de brincar o dia todo, e o mais interessante, ser remunerado por este trabalho. As pessoas que tem essa atitude, por não conhecerem a importância e os conhecimentos produzidos pelo lazer, "acaba não estabelecendo uma práxis, mas sim um 'tarefismo', que é o trabalho embasado em manuais recreativos da área, que se restringem a descrever atividades a serem desenvolvidas", meros fatores de atividades, "sem ao menos contextualizá-las, planejá-las coletivamente, buscar metodologias diversificadas, avaliá-las com o grupo envolvido" (ISAYAMA; STOPPA, 1997, p. 663).

Enfim, esses "profissionais", devem ter uma visão mais abrangente acerca dos conteúdos do lazer, poderiam se organizar melhor, numa categoria estruturada, por exemplo, criar uma associação dos profissionais do lazer, e principalmente lutar por melhores condições de trabalho e não encarar como um mero "bico".

O "profissional" e o campo de intervenção

O "profissional" do lazer depara-se atualmente com um vasto campo de trabalho,

[...] com o crescimento do setor de prestação de serviços na área de lazer, vem aumentando o

número de ofertas de emprego para os profissionais que desejam atuar nesta área. O que nos leva a observar o aparecimento de uma grande diversidade de funções que estes profissionais podem assumir, tais como: o planejamento, a organização, a administração, a animação e a avaliação de atividades de lazer. Desta forma, podemos encontrar profissionais trabalhando com formação diferenciada em várias instituições públicas (prefeituras, universidades, secretarias) e privadas (hotéis, clubes, acampamentos, academias de ginástica, empresas de viagens) (ISAYAMA; STOPPA, 1997, p. 661).

Pina (1995, p. 118) menciona que este "profissional" está presente em diversas organizações, privadas e públicas, nas várias situações de cotidiano das pessoas e das coletividades: desenvolvendo recreação nos hotéis; programações nas secretarias de esporte, cultura, turismo e lazer, sejam estaduais e municipais; "preparando e coordenando atividades em organizações não-governamentais, como SESC, SESI e Associação Cristã de Moços – ACM; atuando na imensa rede dos clubes privados no Brasil".

Estes "profissionais" são encontrados atuando também nos clubes dos bancos, ministrando aulas sobre lazer nas faculdades e cursos técnicos, centros culturais e esportivos inclusive os radicais, museus, bibliotecas, parques, balneários, parques temáticos e aquáticos, marinas, teatros, casa de espetáculos, restaurantes e lanchonetes, shoppings, igrejas, programas de TV, ônibus, feiras, congressos e convenções, exposições, entre outros.

Dessa forma o profissional encontra-se situado "em várias instâncias: organizando atividades para as pessoas [...], liderando grupos e comunidades; iniciando pessoas em várias modalidades artísticas e esportivas [...]" viabilizando e administrando recursos "para que grupos ou coletividades possam usufruir de atividades de lazer". Portanto, o "profissional" do lazer desenvolve suas atividades nos mais diferentes equipamentos e espaços de lazer, sendo considerados por Corônio e Muret (apud PINA, 1995, p. 124) como "a alma do equipamento de lazer".

Camargo (1997, p. 678) pontua que "um terceiro segmento começa a se definir: (...) o setor da animação cultural urbana, ou seja, a intermediação entre a produção cultural e o consumo da população, trabalho eminentemente baseado na comunicação pessoal e grupal". Dentre os quais estão a: recreação pública, recreação industrial, recreação comercial, recreação escolar, recreação turístico-hoteleira, recreação ecológica, recreação hospitalar.

Muitas dificuldades são encontradas no campo de atuação desse “profissional”, principalmente no “setor econômico do lazer e entretenimento, tão inovador e que não pode parar de inovar, trouxe a luz à importância de um profissional até então raro no mercado: o animador cultural. No entanto, dois fatores associados emperram no momento o seu crescimento: a falta de identidade” a qual já foi mencionada neste texto e a “formação profissional” (CAMARGO, 1997, p. 681).

Neste contexto, [Isayama](#) (2004, p. 93) chama a atenção que “lamentavelmente, ainda se pensa que, para atuar nessa área, não é necessário ter formação específica e aprofundada sobre o tema”. Contudo, é necessário “repensar os pressupostos que encaminham a formação de profissionais e como ela esta sendo processada em nosso contexto”.

Assim, “ao mesmo tempo em que se abrem as novas oportunidades, torna-se mais evidente a necessidade de uma melhor capacitação profissional” ([PINA](#), 1995, p. 129), incluindo o profissional de Educação Física. Nesse sentido pode se cobrar dos profissionais que atuam no lazer “um trabalho permanente e aprofundado de aperfeiçoamento nos campos prático e teórico relacionados com os temas aos quais se dedicam” (p.130).

Desse modo compreendemos o profissional que atua no lazer (entre eles o profissional de Educação Física) como recurso fundamental no setor de serviços em qualquer organização. Um profissional que deveria estar preparado para planejar, administrar, projetar, pensar, mediar, instigar e animar as atividades de lazer, um agente transformador procurando atender as demandas exigidas pela sociedade, bem como propiciar a quebra de possíveis paradigmas de alienação.

Considerações Finais

Com base nos indícios apresentados neste estudo sobre a formação e intervenção profissional no âmbito do lazer, o profissional de Educação Física teria competências e perfil para atuar neste campo? No entanto, é preciso fornecer subsídios para a consolidação do profissional de Educação Física com o intuito de superar as barreiras existentes entre teoria e prática, entre a academia e o mercado. Exigindo-se, assim, um aprofundamento acerca da temática em sua formação na graduação e num processo *continuum*. Esta formação profissional, seja na graduação ou numa perspectiva continuada no contexto do lazer, deve procurar unir teoria e prática, com o intuito de preparar

melhor seus profissionais para atuar no campo de trabalho.

No caso do campo de intervenção do lazer, apresenta um quadro com uma definição clara, contudo, pode-se constatar a necessidade de um profissional diferenciado dos demais setores de serviços com características próprias. Assim, estes profissionais devem atentar e ter a consciência das novas exigências de qualidade e as atuais tendências em seu locus de atuação, conseqüentemente proporcionará uma melhor integração com a sociedade, respeitando o contexto histórico vigente.

Fica evidente a necessidade de uma melhor capacitação profissional que vai atuar no lazer, mas como deve ser esta capacitação? As faculdades estão preparadas para oferecer uma formação adequada, que atenda as demandas de mercado? Qual seria e como se daria esta formação, especificamente nos curso de graduação em Educação Física? Quais são as demandas exigidas pelo mercado e pela sociedade?

Constata-se que há um longo caminho a se percorrer no que se refere a formação profissional e intervenção do profissional de Educação Física no âmbito do lazer. Apesar do possível domínio deste profissional no campo do lazer, torna-se necessário que procurem uma formação ampla e ao mesmo tempo específica, já que entre suas funções está pesquisar, conhecer, dominar, compreender, analisar de forma crítica e criativa, produzir e avaliar a realidade social e os efeitos da aplicação de diferentes técnicas, instrumentos, equipamentos.

Dessa forma, os profissionais de Educação Física devem buscar conhecimentos e vivenciar novas experiências procurando romper com os paradigmas alienantes da sociedade. Neste sentido, cabe destacar que os profissionais do lazer trabalham geralmente em equipes multidisciplinares, com o objetivo de oferecer uma gama de possibilidades, contemplando os diversos interesses do lazer – interesse físico/esportivo, social, artístico, intelectual, entre outros – proporcionando a melhoria da qualidade de vida.

Sob esta ótica o profissional de Educação Física no contexto do lazer, pode intervir em várias instancias, como por exemplo, na ocupação de funções desde gerente, encarregados de setor, consultores dirigentes públicos e privados, programadores, coordenadores, animadores sócio-culturais, monitores de atividades, recreadores, participantes de atividades como voluntários tanto

na organização e como na realização, trabalhando em diversos campos oferecidos pelo mercado, seja ele privado, misto (público e privado), público, ONGs etc.

Por fim, os profissionais de Educação Física que atuam no campo do lazer, têm o desafio de compreender as mudanças que ocorrem na sociedade com o passar dos tempos, procurando entender à realidade atual e o que o ser humano faz ou pode fazer no seu “tempo disponível” em busca a “felicidade”, do prazer, da satisfação.

Referências

BRAMANTE, A. C. Recreação e lazer: o futuro em nossas mãos. In: MOREIRA, W. W. (org). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1993, p. 161-179.

BRASIL. **Resolução CNE/CES 7**, de 31 de março de 2004.

CAMARGO, D. A. F. A pesquisa pedagógica e seus pressupostos epistemológicos. In: MICOTTI, M. C. O. **Alfabetização: intenções/ações**. Rio Claro: Costa, 1997: p. 153-182.

CAMARGO, L. O. L. O mercado de trabalho de lazer. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 9, 1997, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/CELAR, 1997. p. 675-685.

CASTELLI, R. **Atividade marcante do século XX**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.

CORREA, E. A. Generalidade ou especificidade? Da Cultura Geral a Universidade: qual a Formação do Profissional de Lazer? In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 16, 2004, Salvador. **Anais...** Salvador, 2004. CD.

_____. Lazer e Religião: Eventos religiosos como Possibilidade de vivência de Lazer. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 18, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2006. CD.

_____. O papel do animador sócio-cultural em hotéis de lazer. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 14, 2002, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: UNISC, 2002. CD.

_____. Profissional do lazer: quem é e onde atua? In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 15, 2003, Santo André. **Anais...** Santo André: SESC-SP, 2003. CD.

DELGADO, M.; CORRÊA, E. A... A formação do profissional de lazer através de cursos rápidos e workshops. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 16, 2004, Salvador. **Anais...** Salvador, 2004. CD.

DUMAZEDIER, J. **Teoria sociológica da decisão**. São Paulo, SESC-CODES/DICOTE-CELAZER, 1980.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo: Teoria, profecia e política**. São Paulo: EDUSP, 1998.

GARCIA, E. B. Os novos militantes culturais. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer, formação e atuação profissional**. Campinas: Papirus, 1995. p. 135-145.

GOMES, C. L. Lazer – concepções. In: GOMES, C. L. (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 119-125.

GUERRA, M. **Recreação e Lazer**. Porto Alegre: Sagra, 1988.

ISAYAMA, H. F. Formação profissional. In: GOMES, C. L. (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 93-96.

_____. **Recreação e lazer como integrante de currículos dos cursos de graduação em Educação Física**. 2002. 205 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ISAYAMA, H. F.; STOPPA, E. A. Reflexões acerca do lazer dos profissionais do lazer. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 9, 1997, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/CELAR, 1997. p. 658-665.

JAPIASSU, H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELLINO, N. C.. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1987.

_____. **Lazer, formação e atuação profissional**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. O lazer na atualidade brasileira, perspectivas na formação / atuação profissional. **Licere**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p.125-133, 2000.

MELO, V. A.; FONSECA, I. F. O professor de educação física e sua atuação na área de lazer. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 9, 1997, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/CELAR, 1997. p. 648-657.

PINA, L. W. Lazer, cultura, formação e mercado profissional: A experiência do SESC São Paulo. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 9, 1997, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/CELAR, 1997. p. 179-184

_____. Multiplicidade de profissionais e de funções. In: MARCELLINO, N. C. **Lazer, formação e atuação profissional**. Campinas: Papirus, 1995. p. 117-130.

PRONOVOST, G. **Temps, culture et société**. Quebec: Presses de l'Université Du Québec, 1983.

SCHWANDT, Thomas A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa. In: DENZIN, Norman K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p.193-215.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 2, n. 6, p. 23-31, 2003.

SOUZA, A. P. T.; ISAYAMA, H F.. Lazer e educação física: análise dos grupos de pesquisa em lazer cadastrados na plataforma LATTES do CNPQ. **Revista Digital - Buenos Aires**, ano 11, n. 99, agos., 2006. disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 16 de março de 2007.

STOPPA, E. A. Lazer e mercado de trabalho. **Licere**, Belo Horizonte, v.3, n.1, p.176-181, 2000.

WERNECK, C. L. G. Lazer e diversidade cultural: perspectivas na formação e o mercado profissional. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 9, 1997, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/CELAR, 1997. p. 189-198.

_____. Lazer e formação profissional na sociedade atual: representando os limites, os horizontes e os desafios para área. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.47-65, 1998.

WERNECK, C. L. G.; SANTOS, L. C. P. Recreação e lazer: significados, relações e experiências pioneiras no Brasil. [ca. 2003]. Disponível em: http://www.ufmg.br/prpg/dow_anais/cien_humana_s/educacao_3/christianne_1.doc . Acesso em: 08/10/2007.

Esse artigo foi apresentado no IV Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física- NEPEF, realizado na UNESP/Bauru de 20 a 23 de novembro de 2008.

Endereço:

Evandro Antonio Corrêa
Rua Eugenio Cantarelli, 15 - bl E - apt 11
Vila Maria
Jauá SP Brasil
17208-320
Telefone (14) 97221238 (14) 36267048
e-mail: evandrocorrealazer@yahoo.com.br

Recebido em: 30 de setembro de 2008.

Aceito em: 1 de novembro de 2008.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)